


1968: A ficção e o ensaio

por Mário Sacramento

NO DIA em que eu tiver lido tudo, TUDO, vou ser um homem feliz. So será verdadeiramente novo, noovo o ano em que o conseguir. Triste saio, por isso, do que ora finda: não virei ainda as páginas (entre outras) de livros como *De Noite as Árvores são Negras*, de Maria Isabel Barreno; *A Madona*, de Natália Correia e *As Areias Movediças*, de Clara d'Ovar (Europa-América, Presença e Portucalense, respectivamente). E sei, não obstante, que preciso de os ler — e bem! Houve, até, quem me desse (já) uma palmadinha no ombro, sobre isso. Obrigado, mas o certo é que leio pouco e mal, cada vez menos e pior, até. Vou rennoovar-me, prometo. O ano de 69 vai ser fabuloso, verão!



Dois bons romances no mesmo ano

Entretanto, há o que li de veras — bem ou mal. E, como a incumbência é de escolher, vou fazê-lo entre vaías e assobios, como qualquer júri que se preze. Aliás, a selecção não é difícil, se ficarmos pelas cumeadas: tivemos dois bons romances — *O Delfim* de José Cardoso Pires (Moraes) e *Bolor*, de Augusto Abelaira (Bertrand) —, dois volumes de contos a reter — *Casa de Correção*, de Urbano Tavares Rodrigues (Bertrand) e *Os Amantes* de David Mourão-Ferreira (Guimarães) —, quatro ensaios importantes — os «Ensaio» de Vitorino Magalhães Godinho, o prefácio de Alberto Ferreira ao segundo volume de recolha dos textos da polémica *Bom Senso e Bom Gosto* (Portugália), o Sen-



Augusto Abelaira e José Cardoso Pires
— «dois bons romances em 1968»

tido e *Forma da Poesia Neo-Realista* de Eduardo Lourenço (Ulisseia) e a *História do Teatro Português* de Luís Francisco Rebelo (Europa-América) —, narrativas de heterogeneidade ou classificação fluidas — *Apresentação do Rosto* de Herberto Helder (Ulisseia), *O Despojo dos Insensatos*, de Mário Ventura (Bertrand), *Três Semanas em Maio*, de João Palma-Ferreira (Europa-América) e *História Natural*, de Manuel Mendes (Sociedade de Expansão Cultural) —, uma peça notável — *As Mãos de Abraão Zacut*, de Luís de Sttau Monteiro (Ática) —, a edição facsimilada e crítica de um inédito precioso — *O Roubo das Sabinas*, de Almeida Garrett, com ensaio-prefácio de Augusto da Costa Dias (Portugália) —, um livro de viagens de Vitorino Nemésio — *Caatinga e Terra Caída* (Bertrand) — e, por último, dois escritos polémicos — o prefácio de Vergílio Ferreira à tradução de *As Palavras e as Coisas*, de Michel Foucault e o de Eduardo Prado Coelho à recolha de textos teóricos sobre o *Estruturalismo* (ambos da Portugália), um e outro com armas terçadas — olé! — neste jornal.

Posto isto, juro não ter esquecido *Homens e Mu-*

-sem-esquecer, lamentando que não sejam da minha alçada outras que li com prazer e proveito como *Educação e Educadores*, de Rui Grácio (Horizonte) e *Engrenagens do Ensino*, de Santos Simões (Nova Realidade).

Tudo bem somado (e subtraído), dir-me-ão, agora, que estava mesmo a calhar um comentáriozinho que pontuasse este inventário. E é isso, precisamente o que não farei! Se ao escrever sobre um livro, deixo sempre um monte de coisas por dizer, quando não tudo, que terrível coisa não seria afiorá-los apenas? Peçam-me tudo menos isso. A minha proposta é outra: debrucemo-nos, a propósito e despropósito do mais, sobre um livro — um apenas: o que tenho na bicha que reconstitui desde que deixei de ser (se é que se lembram) «um leitor desocupado».

(P.S. A TEMPO: não aludi a *O Ser e o Ter seguido de Anquilose* de José Marmelo e Silva, bem como a *Um Sino na Montanha*, de Fernando Namora — edições da Ulisseia e da Europa-América —, por estar supinamente demonstrada a minha incompetência e parcialidade para com esses autores.



Vergílio Ferreira e Eduardo Prado Coelho
— o estruturalismo em polémica